

HISTEDBR

BOLETIM “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO”

Grupo de Estudos e Pesquisas HISTEDBR

UNICAMP E UNIVERSIDADES ASSOCIADAS (UFAC, UFAL, UFBA, UEFS, UFES, UFG, CEFET-MA, UFMA, UFMT, UFMS, UFU, UFPA, UFPB, PUCPR, UEL, UEM, UEPG, UFPE, UFPI, UCB, UFRN, UnC, PUCG, UNIMEP, UFS)

COMUNICAÇÃO INTERATIVA – PERIODICIDADE MENSAL –
BOLETIM no. 04 / Ano 01 / Outubro de 1999

Comissão Editorial: José Carlos Souza Araújo; José Claudinei Lombardi;
Maria de Fatima Felix Rosar

SUMÁRIO

Editorial

Primeira seção: Debate de Idéias

Segunda seção: Notícias dos GTs.

Terceira seção: Acontecimentos

Quarta seção: Entrevistas / Depoimentos

Quinta seção: Fontes, Notas e Resenhas

Sexta seção: Mensagens e Comunicações

EDITORIAL

(APENAS UMA SUGESTÃO DE TEMA)

Há alguns anos, um grupo de pesquisadores da área de História da Educação, vinha construindo a concepção de uma Sociedade Brasileira de História da Educação. Realizaram-se inúmeros encontros durante diversos eventos nacionais e internacionais e, também, reuniões específicas para que fossem sendo formados os Estatutos da SBHE.

Finalmente, durante a 22ª Reunião da ANPED, realizou-se a Assembléia de criação da Sociedade, com a presença de aproximadamente 150 pesquisadores que se constituíram como sócios-fundadores, realizando dessa forma a possibilidade concreta de ampliação do nosso debate nacional e internacional sobre os temas da História da Educação, que prometem tornar-se ainda mais significativos no final deste século, no Brasil, quando se constata que os registros da nossa história ainda são insuficientes para documentar toda a riqueza do processo de construção do nosso país, da nossa identidade nacional e das diferentes formas de expressarmos a nossa cultura e de realizarmos nossos projetos educativos.

Apesar da marca dos 500 anos, somos muito jovens e aprendizes do ofício de historiadores, portanto, podemos dizer diante da nossa história recente, que apenas iniciamos a nossa construção histórica, que merece ser avaliada permanentemente e também transformada pela nossa ação de cidadãos esclarecidos e defensores da democracia plena.

Neste sentido, há que se resgatar as lutas empreendidas pelos historiadores da educação desse país, traçando-se uma página dedicada àqueles que muito antes de nós estiveram dedicando-se à tarefa de, ao mesmo tempo atuar como cientista e como militante, dimensões indissociáveis na perspectiva do trabalhador intelectual, apesar das restrições que se impõem aos profissionais de todas as áreas pelas atuais políticas de educação, cultura, ciência e tecnologia, em tempos de subordinação do país aos condicionantes externos.

Na expectativa de que a Sociedade Brasileira de História da Educação possa compreender um amplo programa de ação de fomento à produção da historiografia crítica no Brasil, o HISTEDBR congratula-se com a sua diretoria e reafirma o seu propósito de participação no processo de consolidação dessa entidade, que seguramente produzirá um marco na nossa história da educação.

Primeira seção

Debate de Idéias

**(penso que o Dermeval poderia escrever aqui
na condição de Presidente da SBHE)**

Segunda seção
Notícias dos GTs HISTEDBR

Terceira seção

Acontecimentos

* Encontro Latinoamericano "O Socialismo do Século XXI"

V Encontro de Revistas Marxistas Latinoamericanas

Lançamento da Rede Marx Latinoamericana

Na PUC de São Paulo - 3 a 7 de novembro de 1999

Oficinas - Mesas redondas - Reuniões

* A Revista América Livre se propõe cada vez mais ser um lugar de debate, encontro e solidariedade entre os latinos americanos. Na promoção de intercâmbio entre os diversos rincões da América Latina que seguem alentando os sonhos de uma sociedade de homens e mulheres livres, onde o egoísmo seja substituído pela solidariedade, o individualismo pela ação coletiva, a injustiça pela justiça, a corrupção pela ética, uma sociedade pela qual os valores e a cultura que produzem o capitalismo sejam substituído pelos valores e pela cultura, fundantes de um projeto emancipatório, libertador e socialista. O 5º Seminário da Revista América Livre, é o primeiro a ser realizado no Brasil, com o Tema " A fase Neoliberal do Capitalismo, os movimentos Populares: Perspectiva e desafios para o Próximo milênio, a ser realizado em Caxias do Sul/Brasil, de 02 a 05 de Dezembro de 1999, este Seminários destina-se a militantes sociais dos movimentos populares, intelectuais, artistas, experiências de governos democrático populares da América Latina e a todos que queiram trazer sua contribuição, suas experiências, pensamentos sonhos e esperanças.

Frei Beto - Diretor

Quarta seção

Entrevistas / Depoimentos

A Universidade: da internacionalidade à universalidade*

Milton Santos

Discurso de aceitação do título de professor Honoris Causa na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1999.

Nos dias atuais, é praticamente comum, quase em toda parte, a perda progressiva, pelas Universidades, da meta do conhecimento genuíno, o que contribui para despojar a instituição universitária de sua principal razão de ser.

Será essa uma evolução inelutável e irreversível? Talvez valha a pena, para fixar as idéias, retrair, ainda que brevemente, a história geral do trabalho intelectual.

Primeiro houve o sábio individual, aquele cujo conhecimento era elaborado em comunhão integral com a Natureza total. Era uma busca localizada, talvez inconsciente, de universalidade. O sábio individual foi substituído pelas corporações de sábios, nas escolas e nos conventos: o saber se tornava um atributo específico de um grupo, treinado para exercê-lo. Chega-se, depois, com as Universidades, à figura do “scholar”, mistura de professor e pesquisador, pago pela sociedade como um todo para “produzir” livremente o saber, isto é, codificar, do seu ponto de vista, o saber coletivo, inventar individualmente, novos saberes, ou simplesmente fabricar um conhecimento a ser transferido à comunidade como educação. Mais recentemente, essa figura do “scholar” foi parcialmente substituída pela dos “funcionários da educação”, sem maior compromisso com a pertinência dos temas.

Os sábios, as corporações de sábios, assim como a produção de um saber desinteressado e verdadeiro acabam se tornando coisa rara, quando a ciência, como serviço às coisas, matou a filosofia como serviço ao homem. O sábio é substituído pelo erudito, o cientista pelo mero pesquisador, o intelectual pelo profissional, se a grande preocupação não é mais o encontro e o ensino da verdade, em todas as suas formas, mas uma atividade parcelizada, dominada por um objetivo imediato ou orientada para um aspecto redutor da realidade.

Em tais circunstâncias, a Universidade corre o risco de abandonar a busca do saber abrangente, substituído pela tarefa de criação e de transmissão de um saber prático. Este saber prático, elaborado fora da Universidade pelas grandes firmas e dentro da Universidade por sua inspiração direta ou indireta, é subordinado a objetivos externos à busca do conhecimento verdadeiro. Daí o papel hoje determinante, das Fundações corporativas internacionais, na produção e na circulação das idéias. Veja-se, também, nas ciências sociais, o papel das redes, financiadas por convênios internacionais, tanto mais exitosos, no geral, quanto menos relevantes são os seus objetivos. A função desse pseudoconhecimento – fabricado sob encomenda – é construir, sob o selo do cientificismo, um discurso universitário cujo pecado de origem elimina a possibilidade de o associar à noção de verdade científica.

De um modo mais ou menos geral, a Universidade aceita esse papel sem glória de produzir um conhecimento comprometido, acorrentado ao que hoje se chama “o prático”, “o objetivo”, “o pragmático”, vocábulos que ganharam um novo contexto para significar o que é capaz de dar maior lucro, seja como for.

Por isso, a universidade é chamada a realizar uma produção comercial do saber, um conhecimento adrede planejado como um valor de troca, destinado desde a sua concepção (que é inspirada, cada vez menos, nas Universidades e cada vez mais nas grandes firmas) a criação de um valor mercantil. **O conhecimento assim produzido é uma mercadoria sujeito à lei do valor econômico.**

É um mundo de cabeça para baixo que as Universidades estão ajudando a criar e difundir, onde o meio passa ele mesmo a ser um fim. Quando a Universidade se transforma em uma oficina do utilitarismo, ela é, ao mesmo tempo, esterilizada e esterelizante. Torna-se um corpo morto e um corpo morto não cria coisa alguma. O conhecimento produzido como meio de produção nasce para morrer quando se torna funcional. É o saber do fazer coisas, um processo finito, Ora, a busca do conhecimento é um processo infinito, o processo de criação que é, ele mesmo recriador. **O seu centro de interesse é no homem e não nas coisas.**

Quando a Universidade decide institucionalizar a primazia outorgada ao estritamente técnico sobre o mais amplamente filosófico, entroniza o instrumental e minimiza o teológico. Quando as ciências, quaisquer que sejam, são tratadas como se não deveriam ter uma filosofia própria, integradora, os objetos são colocados acima do homem. A Universidade que cria e difunde esse tipo de saber entre aspas perde seu conteúdo e sua finalidade, e os professores e alunos vão fazendo coisas, mas não sabem mais exatamente o que estão fazendo. **Por isso, ao mesmo tempo em que as disciplinas chamadas científicas afundam num imediatismo confrangedor ou numa futurologia cega, as ciências sociais e humanas são subalternizadas, reduzidas a um papel de justificação ou de codificação de uma interpretação unilateral da sociedade.**

Essas tendências gerais, hoje comuns a quase todas as Universidades, em quase todos os países, são um resultado do fato de que o saber se transformou numa força produtiva direta. Como ao mesmo tempo a economia se internacionalizou. O saber-mercadoria tinha que acompanhar a tendência, razão pela qual as universidades, por iniciativa própria ou por contaminação, aceitam seguir essa mundialização unilateral. Adotando um modelo externo às realidades nacionais ao serviço da produção das coisas, elas se tornam medíocres, graças, também, ao desajustamento entre um saber cada vez mais transferido e as realidades profundas das nações e graças à contradição entre os meios, universalizados pelas necessidades produtivas de caráter internacional, e os fins próprios a cada coletividade nacional, minimizados estes por uma globalização perversa, comandada por uma economia mundial perversa e uma informação internacional igualmente perversa.

Sob esse ponto de vista, a situação dos países do Terceiro Mundo é dramática. Porque o saber já chega de fora incorporado nos objetos, na tecnologia, no “management” e inclusive nos “scholars” importados, ainda que haja exceções. Nessa situação, a produção de um saber nacional autêntico torna-se assim dispensável. É exatamente por isso que as ciências sociais deveriam voltar a ganhar dimensão, pelo fato de que são os esquemas sociais de uso das técnicas e dos objetos que alicerçam o discurso de justificação das novas dependências e desigualdades. O esforço dos países subdesenvolvidos como o nosso deveria, pois, se orientar principalmente na direção do estudo das suas próprias realidades sociais como um todo. Esse, desgraçadamente, é também um domínio onde a imitação passou a ser uma regra e a mania dos títulos (mestrado, PhD, etc) substituiu, nas universidades burocratizadas, o saber genuíno.

A universidade internacionalizada “a priori” só serve a alguns, cada vez menos numerosos. Porque não sendo universal também não é propriamente Universidade.

Mas não seria justo concluir com uma nota pessimista. Com todos os seus defeitos atuais, tão parecidos em quase todo o mundo, as Universidades geram o veneno e o antídoto, mesmo se em doses diferentes. Lugar de um saber vigiado e viciado, **elas são, também e ainda, o único lugar onde o contra-saber tem a possibilidade de nascer e às vezes prosperar. Isto pode ser o resultado de esforços de cientistas pioneiros, agrupados ou não. Mas para guardar e manter o pensamento independente e indispensável que a instituição universitária aceite desinstitucionalizar-se, caminho único para evitar que o excesso de regras e de mandos acabe por esterilizar as suas possibilidades de um trabalho realmente livre, voltado para o interesse geral.**

A tarefa de incorporar a Universidade num projeto social e nacional impõe primeiro a criação e depois a difusão de um saber orientado para os interesses do maior número e para o homem universal. Não há contradição entre nacionalidades e universalidades, entre a busca do nacional popular e o encontro com o universal. Devemos estar sempre lembrados de que o internacional não é o universal. O trabalho universitário não é propriamente uma tarefa internacional, mas precipuamente nacional e universal, dependendo, desde a concepção à realização efetiva, da crença no homem como valor supremo e da existência de um projeto nacional livremente aceito e claramente expresso. É a tarefa que nos aguarda.

Quinta seção

Fontes, Notas e Resenhas

Sexta seção

Mensagens e Comunicações

ACONTECEU EM SANTIAGO DE COMPOSTELLA

No período de 14 a 14 de julho foi realizado na cidade de Santiago de Compostella o II Congresso Internacional História a Debate, reunindo representantes desta área de quase todos os continentes, o que permitiu configurar-se um grande quadro de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas apresentadas na perspectiva de realizar-se um balanço da produção historiográfica neste final de século.

A participação de historiadores da América Latina realizando uma intervenção de qualidade significativa durante o congresso destacou-se motivando o início do primeiro debate virtual promovido sob a coordenação do Prof. Dr. Carlos Barros, que também foi o coordenador do Congresso de Compostella.

As interlocuções que vem sendo desenvolvidas entre os participantes da lista Had vem permitindo que se expresse de forma bastante contundente as questões que de algum modo reproduziram-se na história da historiografia no que diz respeito às articulações entre os historiadores dos diversos continentes ao longo das últimas décadas.

Para que se amplie o Debate Latino, reproduz-se aqui a participação de dois historiadores argentinos que apontam temas que merecem reflexão coletiva por todos nós .

Comentando as perspectivas historiográficas burocráticas

Uno puede preguntarse por qué parece existir un debate sobre la pertenencia o la perspectiva historiográfica cuando nuestra actividad de historiadoras e historiadores es poco más que burocrática, no produce efectos sociales ni culturales de nota. Desde luego, podemos escribir en algunos periódicos y hasta colaborar en alguna Historia Ilustrada publicada en fascículos por algún diario, etc. Pero nos falta voluntad de transformación real, somos como ratones rumiando libros y hojas viejas, haciendo curriculum. Nos falta un elán revolucionario y desacralizador que en un lugar de debate como este debiera estar presente y no parece haber más que buenos deseos y presentaciones. Yo estoy por el debate y creo que este espacio es sumamente útil. Dirán que sólo soy un marxista y un feminista. Tendrán razón, pero con ello no se sabe nada. Acaso no es la lógica de las instituciones académicas la que rige nuestras acciones que, para nosotros y con nuestras amistades, podrían parecer "comprometidas". Así nos colocamos en el lugar del conocimiento y la "excelencia académica", reconocemos y nos enorgullecemos de nuestros (es verdad que relativos) privilegios. Y no se crea que estoy abogando por no hacer nuestro trabajo historiador: empiria, si así puedo decir, nunca debe faltar, nuestros ojos deben fatigarse consultando legajos y nuestras piernas agotarse visitando archivo. Pero, qué más? Algo diferente de simple reproducción? Podemos citar a W. Benjamin y a E. P. Thompson, pero con ello -siendo referencias tan relevantes- nada se ha logrado. Yo propongo discutir qué somos y por qué estamos tan incapacitados/as para cambiar esta realidad nauseabunda y estúpida. Desde luego, también hay amor, amistad y, seguramente, honestidad intelectual. Hasta pronto.

José Omar Acha Universidad de Buenos Aires

Facultad de Filosofía y Letras

villalba@rcc.com.ar

Historia a Debate [E-mail:had@cesga.es](mailto:had@cesga.es)

Website: www.h-debate.com

Para apuntarse a la lista HaD enviadnos el mensaje: [incluirme/subscribe](#)

Para desaparecer de la lista HaD enviadnos el mensaje: [borradme/unsubscribe](#)

O DEBATE LATINO NO II CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA A DEBATE DE SANTIAGO DE COMPOSTELLA – JULHO/99

Estimado Carlos: por lo visto la presencia latinoamericana ha tenido resonancia en el Congreso. Contesto alguna de las preguntas que hacías en tu interrogatorio.

El papel de los historiadores latinos en HaD II se realizó a un doble nivel: por un lado un número importante de historiadores y por otros tuvieron participación en los temas más debatidos del congreso.

Las historiografías latinas aportan a las historiografía internacional un modo de enfocar la historia desde su circunstancia propia. Creo que no corresponde hablar de historiografías de las periferias y del centro. En las actualidad los métodos se han unificado, en cambio las problemáticas son diferentes en cada continente y al latinoamericano le corresponde aportar una visión desde su

espacio histórico.

La teoría de la dependencia aplicada a comunidad internacional de historiadores, no tiene vigencia internacional, lo que no significa negar que en algunas comunidades, especialmente de otros continentes, aún se practica.

Las grandes personalidades en la historiografía orientan en algunas oportunidades el trabajo historiográfico y le imprimen un viraje.

Ello no depende de que sean de raza latina, sajona o germana. La historia confirma esta afirmación.

El castellano debería ir imponiéndose cada vez más. En el Congreso de Ciencias Históricas de Bucarest, donde eramos más de 20 argentinos, solicitamos que el español fuera una de las lenguas del Congreso, no fue aceptado. Creo que es hora que se vaya incorporando.

Good bye.

HEBE PELOSI (Universidad Católica Argentina, Buenos Aires)

HISTEDBR - Boletim "História, Sociedade e Educação" é um informativo eletrônico com periodicidade mensal, do Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Lançado em 10/05/1999, tem os seguintes objetivos: *instigar o debate no campo da História da Educação, possibilitar uma interação entre os pesquisadores e profissionais da área e divulgar eventos, projetos e produções de interesse dos pesquisadores do Grupo HISTEDBR.*

Coordenação do HISTEDBR:

- Dermeval Saviani (Coordenador Geral) - dsaviani@unicamp.br
- José Claudinei Lombardi (Coordenador Executivo) - zezo@unicamp.br

Comissão Editorial:

- José Carlos Souza Araújo jcaraujo@ufu.br
- José Claudinei Lombardi zezo@unicamp.br
- Maria de Fatima Felix Rosar rosar@dglnet.com.br

HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"
Faculdade de Educação - UNICAMP
Caixa Postal 6120
CAMPINAS - SP - CEP 13.083-970
Tel.: (019) 788-5554 - Fax: (019) 788-5576
Home Page: <http://fae.unicamp.br/html/histedbr/>
E-mail: zezo@unicamp.br
